



Criaturas de hábito? O que os tradutores costumam fazer com as palavras

Creatures of habits? What translators usually do with words

Dorothy Kenny

Dublin City University

Dublin, Irlanda

dorothy.kenny@dcu.ie

<https://orcid.org/0000-0002-4793-9256> 

Tradução de:

Talita Serpa

Universidade Estadual Paulista

São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

talita.serpa@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0003-3324-9593> 

Resumo: Este artigo foca em alguns dos desafios metodológicos e teóricos apresentados pela investigação da “higienização” em textos traduzidos por meio da análise da prosódia semântica. A hipótese principal é a de que os textos meta tendem a utilizar um vocabulário atenuado em comparação com os textos fonte e isto resulta na criação de uma “versão higienizada do original”.

Palavras-chave: higienização; prosódia semântica; estudos da tradução.

Abstract: This paper focuses on some of the methodological and theoretical challenges presented by the investigation of “sanitization” in translated texts through the analysis of semantic prosody. The main hypothesis is that target texts tend to use toned down vocabulary compared with their sources, and that this results in the creation of a “sanitised version of the original”.

Keywords: sanitisation; semantic prosody; translation studies.



O potencial criativo da linguagem é inegável, mas as concordâncias em um corpus recordam-nos à força de que, na maioria de nossas enunciações, somos criaturas de hábitos, imensamente previsíveis, ensaiando os mesmos velhos lugares-comuns e os mesmos velhos clichês em quase tudo que dizemos. Não fosse assim, a linguagem tornar-se-ia impraticável. A humanidade não pode suportar muita criatividade (Hanks, 1996, p. 85).

I. Introdução

Se há uma coisa que a Linguística de Corpus revelou sobre a língua, é que muito do que dizemos e escrevemos em nosso próprio idioma é, ao mesmo tempo, rotineiro e previsível devido ao que nós e os outros já dissemos e escrevemos. No entanto, a rotina não é ruim, ao contrário, é o que permite a identificação do uso criativo da linguagem como tal. Nas palavras de Hanks (1996), “precisamos dizer exatamente quais são as convenções de uso antes de dizermos como são utilizadas e exploradas para criar significados”¹. Mas se a tolerância à criatividade é supostamente limitada entre os usuários das línguas em geral, entre os tradutores, ou mais precisamente dentro dos mercados de tradução, parece haver uma predileção ainda maior para o conservadorismo linguístico. A adequação das traduções para que reflitam o que é rotineiro na língua de chegada é conhecida como normalização, e neste trabalho objetivo descrever como os corpora e os instrumentos da Linguística de Corpus podem ser úteis na investigação da normalização em textos traduzidos. Procuo enfatizar a necessidade de corpora comparáveis monolíngues e bilíngues na investigação deste traço tradutório, e sugerir como métodos semelhantes poderiam também ser utilizados para explorar uma questão relacionada, a da higienização, a saber, uma suposta adaptação da realidade do texto fonte (TF) a fim de tornar mais palatável para o público alvo. O artigo conclui com uma breve descrição de um projeto que tenta prover uma evidência empírica dos traços de tradução propostos neste trabalho.

2. O uso de corpora para investigar a normalização lexical em textos traduzidos

Entre os traços de tradução propostos por Baker (1997, p. 183) inclui-se a *normalização*, “uma tendência a exagerar características da língua meta (LM) e adequar o texto a seus padrões típicos”. A *normalização*, sugere a autora, “é mais evidente na utilização de estruturas gramaticais, pontuação e padrões colocacionais ou clichês”² (1997). Evidências deste traço no nível lexical têm sido fornecidas por estudiosos da tradução tais como Toury (1980), Vanderauwera (1985) e Malmkjær. Toury (1980, p. 130) descreve como os binômios, característicos de textos hebraicos, são habitualmente mais extensos em TTs para o hebraico que em textos originalmente escritos nessa língua. Vanderauwera (1985, p. 108) observa, a partir de um estudo de cerca de cinquenta romances traduzidos do holandês para o inglês, que “tradutores de ficção holandesa mostraram reserva ao

¹ (N.T.) “We need to say precisely what the conventions of use are before we can say how they are used and exploited to create meanings” (Hanks, 1996, p. 85).

² (N.T.) “A tendency to exaggerate features of the target language and to conform to its typical patterns” (Baker, 1997, p. 183).



lidar com imagens incomuns e escolha de palavras no texto meta”³, e Malmkjær demonstra como, em múltiplas traduções para inglês de um único TF em dinamarquês, a maioria dos tradutores produz uma LM lexicalmente convencional, apesar do fato de o TF violar a norma culta do dinamarquês.

Os três estudos sugerem maneiras úteis de abordar a questão da *normalização* no que tange ao léxico. A perspectiva do Toury é essencialmente contrastiva monolíngue: as características dos textos meta (TMs) para o hebraico são trazidas à tona por meio da comparação com um corpo de textos originalmente escritos em hebraico. Essa é uma proposta defendida por Baker (1995), que utiliza o termo *corpus comparável* para conceituar uma coleção eletrônica estruturada de textos originalmente escritos em uma determinada língua, juntamente com TMs para essa mesma língua. Laviosa-Braithwaite (1996, p. 161) propõe o uso de um *corpus comparável* em inglês monolíngue para investigar a *normalização* no nível das colocações⁴. Ela sugere que os TMs para o inglês “terão uma frequência significativamente menor de padrões colocacionais relacionados à ironia intencional ou às metáforas *ad hoc*/não institucionalizadas” (Laviosa-Braithwaite, 1996, p. 161⁵) que os textos do *corpus comparável* originalmente escritos em inglês. Além disso, a autora salienta que os concordanceadores de palavras-chave em contexto (KWIC ou *Key Word in Context*), bem como os indicadores de informações mútuas (*Mutual Information*, ou seja, medida que determina se há associação estatisticamente significativa entre duas palavras em um texto) podem ser utilizados para lidar com esse fenômeno. Laviosa-Braithwaite, portanto, aponta o caminho para uma investigação pelo menos parcialmente automatizada da *normalização* colocacional com base na comparação de TFs e TMs na LM.

As proposições de Vanderauwera e Malmkjær, por outro lado, são contrastivas tanto monolíngue quanto bilíngue⁶. Os pesquisadores primeiramente identificam colocações incomuns no TF com base no conhecimento do que é normal em textos na língua fonte (LF) (uma fase contrastiva monolíngue na LF); em seguida, avaliam a convencionalidade ou criatividade da colocação (padronizada) no TM com base no conhecimento das normas da LM (uma fase contrastiva monolíngue na LM). Finalmente, comparam as colocações incomuns na LF/TF com suas traduções na LM/TM (uma fase contrastiva bilíngue), a fim de verificar se as combinações não-convencionais na LF são processadas de uma forma igualmente não convencional no TM ou se são de alguma forma

³ (N.T.) “*Translators of Dutch fiction exhibited reserve in rendering unusual and mannered imagery and word choice in the target text*” (Vanderauwera, 1985, p. 108).

⁴ Neste documento, o termo “colocação” é entendido como “a ocorrência de duas ou mais palavras próximas umas das outras dentro de um curto espaço de texto” (Sinclair, 1991, p. 170). Tal definição permite que coocorrências pontuais ou raras de palavras, bem como combinações habituais sejam chamadas de “colocações”. Por enquanto, nenhuma restrição tem sido colocada às relações entre as palavras presentes em uma colocação.

⁵ (N.T.) “*Have a significantly lower frequency of collocational clashes leading to intentional irony or ad hoc/non-institutionalised metaphors*” (Laviosa-Braithwaite, 1996, p. 161).

⁶ O uso aqui da expressão “contrastiva bilíngue” não tem a intenção de sugerir que os estudos em questão sejam excursões ao campo da Linguística Contrastiva. Linguistas desta vertente usam coleções de textos fonte e meta (*corpora paralelos*) como fonte empírica de dados sobre a maneira como diferentes línguas normalmente dão expressão à mesma realidade extralinguística. Mudanças de uma base linguística comum são geralmente explicadas em termos das propriedades estruturais ou de outras propriedades das duas línguas envolvidas (ver, por exemplo, a coleção de artigos em Aijmer et al. 1996). Estudiosos da tradução, por outro lado, estão mais interessados nos traços de tradução que podem ser explicados em termos da “natureza e das pressões do processo tradutório” (Baker, 1997, p. 177), ao invés dos sistemas de Linguística Contrastiva envolvidos.

normalizadas. Neste momento, a maior parte da análise é contrastiva monolíngue, apesar da existência de um corpo de TF e de suas traduções para uma determinada LM; em outras palavras, de um *corpus paralelo* bilíngue (Baker, 1995). Trata-se de um uma condição *sine qua non* para este tipo de descrição da tradução. Colocações incomuns na LF podem (e devem ser) identificadas na LM usando somente critérios específicos da LF. O *corpus paralelo* fornece meramente o elo entre as colocações consideradas dignas de investigação na LF e aquelas que deveriam ser analisadas na LM. É aqui que os Estudos da Tradução se distanciam da Linguística Contrastiva no estudo das colocações: os linguistas contrastivos tendem a se concentrar nas colocações em L2 que são de alguma forma evidenciadas do ponto de vista da L1 (Lehr, 1996). Os teóricos da tradução, entretanto, deveriam se concentrar nas colocações da LF que são notáveis do ponto de vista da LF.

Nos exemplos acima, os estudiosos usaram amplamente a intuição para determinar quão comum ou incomum é uma colocação na LF, embora Malmkjær confirme suas intuições sobre as normas da LM, tendo como referência o dicionário COBUILD baseado em *corpus*. Neste artigo, delinearei, a princípio, uma metodologia que busca colocar a identificação de colocações incomuns da LF (e posteriormente da LM) em uma base mais empírica, não porque deseje abandonar totalmente o uso das percepções dos teóricos da tradução, mas sim porque dados mais valiosos podem ser descobertos de uma forma que seja independente da análise contrastiva bilíngue. Em seguida, apresento como *corpora* podem ser usados para investigar um fenômeno de colocação específico, a prosódia semântica, em uma tentativa de encontrar evidências de *higienização* em TMs.

3. Como a análise contrastiva pode ser monolíngue e bilíngue: um exemplo

A metodologia reside em disponibilizar (i) um *corpus paralelo* de textos da LF e suas traduções para uma LM, (ii) um *corpus* de referência da LF e (iii) um *corpus* de referência da LM. As colocações utilizam palavras que funcionam como *nódulos* e são extraídas do *subcorpus* em LF pertencente ao *corpus paralelo* principal. Após tal seleção, os vocábulos são avaliados com base no arcabouço trazido pelo *corpus* de referência em LF, a fim de verificar sua (in) convencionalidade. (A seleção de *nódulos* é valorosa como primeiro passo e não é uma questão trivial, embora não nos debrucemos sobre este aspecto aqui). Uma colocação específica pode ser considerada incomum com base em sua frequência de ocorrência muito baixa, mas é necessário cautela: caso duas palavras coocorram uma vez em um *corpus paralelo* cujo TF em língua inglesa conta trinta mil palavras, não podemos dizer muito sobre a natureza incomum de tal colocação - a amostra é simplesmente muito pequena para permitir que quaisquer conclusões sejam tiradas. No entanto, se a mesma colocação não ocorrer em um *corpus* de referência de, digamos, cem milhões de palavras em inglês, então poderíamos dizer com base na frequência absoluta de ocorrência dessa colocação que ela é realmente incomum. Este exemplo destaca a importância dos *corpora* de referência para os Estudos da Tradução.

Uma vez que a maioria dos estudiosos da tradução não está em posição de construir *corpora* que sejam grandes o suficiente para justificar quaisquer declarações sobre a frequência de qualquer fenômeno, exceto de palavras ou de colocações mais comuns, temos que contar com recursos existentes, muito mais substanciais, como o *British National Corpus* (cem milhões de palavras) ou o



Cobuild Bank of English (mais de trezentos milhões de palavras e crescendo)⁷, para validar nossas afirmações. Os pesquisadores em tradução não estão sozinhos nisso, Stubbs (1996, p. 69-70) enfatiza a importância dos estudos comparativos de *corpus* em áreas não relacionadas à tradução, sustentando que “os resultados devem sempre ser comparados entre diferentes *corpora*, a fim de saber o que é normal e o que é característico de um *corpus* especializado”⁸. Frequências relativas de coocorrência e medidas como informações mútuas também podem ser usadas para determinar quão incomum ou inesperada é uma colocação específica.

Neste momento pode ser útil apresentar um exemplo. O trecho a seguir é particularmente interessante por causa da colocação *three-cornered glance*, frase que aparece no romance *Digging to Australia*, de Lesley Glaister, e que o tradutor para o alemão, Hans-Christian Oeser, considerou incomum o suficiente para justificar um texto igualmente não convencional formado pela palavra *Dreiecksblick* (literalmente um “olhar triangular”) no texto alemão:

Bob's eyes flickered over me, a brief three-cornered glance, a check for progress. I felt like some sort of time-bomb. Thirteen now, about to go off (Glaister, 1992, p. 38).

[Os olhos de Bob passaram sobre mim, um breve desenho triangular, uma verificação do progresso. Senti-me como uma espécie de bomba-relógio. Treze agora, prestes a explodir].

Bob musterte mich aus den Augenwinkeln, ein kurzer Dreiecksblick, ein Abschätzen meiner Fortschritte. Als ob ich eine Zeitbombe wäre. Nun schon dreizehn, kurz vor der Explosion (Glaister, 1995, p. 54, traduzido por H.-C. Oeser).

A cena do romance é aquela em que pai, mãe e filha pré-adolescente fazem exercícios diários de ginástica nus. Interpretar a colocação inesperada *three-cornered glance* exige um esforço extra por parte do leitor. Os leitores podem até ser forçados a traçar o mesmo movimento triangular com os olhos antes de perceberem que o pai mencionado na narrativa está, na verdade, examinando a região púbica e os seios da própria filha. Colocações incomuns podem, portanto, causar uma interrupção abrupta de um processo de leitura relativamente contínuo, mas sem dúvida aumentam a experiência interpretativa, forçando os leitores a serem menos complacentes para se envolverem mais ativamente com o texto.

Essas interrupções são uma reminiscência do que Sinclair (1987, p. 324) chama de **pontos de interrupção** (*switch point*). Esses são pontos nos textos em que leitores ou ouvintes são forçados a abandonar um modo de interpretação em favor de outro. O modo padrão de interpretação é aquele especificado pelo **princípio idiomático** (*idiom principle*), de acordo com o qual (1987, p. 320): “o usuário de uma língua tem à disposição um grande número de frases semi-

⁷ (N.T.) O presente artigo foi publicado inicialmente em 1998, quando o *Collins Corpus* tinha trezentos milhões de palavras. Atualmente, segundo o próprio website <https://collins.co.uk/pages/elt-cobuild-reference-the-collins-corpus>, o corpus contém 4.5 bilhões de palavras e o *Bank of English* tem 650 milhões de palavras selecionadas para uma reflexão acurada e balanceada do uso da língua inglesa.

⁸ (N.T.) “Findings should always be compared across different corpora, in order to know what is normal and what is characteristic of a specialised corpus” (Stubbs, 1996, p. 69-70).

pré-construídas que constituem escolhas únicas, embora possam parecer analisáveis em segmentos”⁹.

As colocações habituais são uma importante manifestação do princípio idiomático. Ele contrasta com o **princípio da escolha aberta** (*open choice principle*), que reflete a visão de que o texto é construído e interpretado usando um esquema *slot-and-filler* (1987, p. 319-320): “a cada ponto [em] que uma unidade se completa (uma palavra, sintagma ou oração), uma ampla gama de opções se abre e a única restrição é a gramaticalidade”¹⁰ (Sinclair, 1991, p. 109, traduzido por Iuri Abreu)¹¹.

Embora os usuários da linguagem normalmente apliquem o princípio idiomático em sua interpretação de textos, Sinclair (1987, p. 324) afirma que: “sempre que houver um bom motivo, o processo interpretativo muda para o princípio da escolha aberta, e rapidamente retorna ao princípio inicial. *Escolhas lexicais que são inesperadas em seu ambiente presumivelmente ocasionarão mudança...*”¹² (grifo da autora).

Voltando à passagem do romance de Glaister citada acima, podemos dizer que a tradução alemã publicada atinge um efeito semelhante ao original, fornecendo um ponto de interrupção análogo entre os dois modos de interpretação textual.

Alternâncias como essas são um recurso literário eficaz, mas raramente são toleradas pelos editores de traduções, que muitas vezes se sentem obrigados a fazer com que os TMs estejam em conformidade com as normas da LM. O desejo de *normalizar* é provavelmente devido à consciência dos editores sobre a posição precária da literatura traduzida em muitos mercados. Nos Estados Unidos, por exemplo, as traduções respondem por apenas três por cento da produção editorial total (Rectanus, 1990) e os poucos textos literários traduzidos tendem a seguir a linha da cultura meta. Com base em seu estudo da literatura alemã traduzida nos EUA, Rectanus (1990) sugere uma associação entre a assimilação do texto estrangeiro e seu sucesso comercial, fator que deve estar na mente de redatores, editores e tradutores:

Um dos resultados do lançamento de uma obra em um mercado internacional é a descontextualização do texto e sua assimilação no cenário estrangeiro. A origem do trabalho muitas vezes se torna supérflua ou funciona apenas como uma embalagem exótica. O grau em que o texto pode ser assimilado na conjuntura estrangeira de massa e/ou de subculturas frequentemente determina sua aceitação pelo mercado e recepção popular¹³.

⁹ (N.T.) “A language user has available to him or her a large number of semi-preconstructed phrases that constitute single choices, even though they might appear to be analysable into segments” (Sinclair, 1987, p. 320).

¹⁰ (N.T.) “At each point where a unit is completed (a word or a phrase or a clause), a large range of choice opens up and the only restraint is grammaticalness” (Sinclair, 1991, p. 109).

¹¹ (N.T.) Tradução extraída da dissertação de mestrado de Abreu (2007).

¹² (N.T.) “Whenever there is good reason, the interpretive process switches to the open choice principle, and quickly back again. **Lexical choices which are unexpected in their environment will presumably occasion a switch...**” (Sinclair, 1987, p. 324).

¹³ (N.T.) “One of the results of licensing literature in an international literary marketplace is the decontextualization of the text and its assimilation into the foreign context. The foreign origin of the text often becomes superfluous or functions merely as exotic packaging. The degree to which the text can be assimilated into the foreign context of mass and/or subcultures frequently determines its market acceptance and popular reception” (Rectanus, 1990, p. 3).

Vanderauwera (1985, p. 37), em seu estudo de literatura holandesa traduzida para o inglês, faz uma observação semelhante: geralmente permite-se que o texto estrangeiro seja exótico apenas em sua embalagem, não em suas características linguísticas.

Embora o propósito e a embalagem (capa, introdução) da tradução sejam “metaliterários” e pretendam promover “grande” representatividade da literatura holandesa, o texto meta real é frequentemente ajustado ou suavizado tendo em vista os hábitos de leitura do público alvo¹⁴.

Há, portanto, uma ligação entre a dinâmica do mercado literário e as características linguísticas, como padrões de colocação, dos TMs. Considerando que no passado as chamadas abordagens “linguísticas” da tradução foram criticadas pela incapacidade de dizer qualquer coisa a respeito do contexto cultural mais amplo em que a tradução ocorre¹⁵, eu gostaria de sugerir aqui que um estudo cuidadoso dos padrões de colocação no TM pode lançar luz sobre as forças culturais em jogo no mercado literário¹⁶ e vice-versa. Cultura e linguagem estão inextricavelmente ligadas uma à outra, e não faz sentido sugerir que as abordagens culturais e linguísticas para o estudo da tradução possam ser mutuamente excludentes.

Voltemos ao *three-cornered glance* do romance de Glaister, em um esforço para mostrar como os *corpora* de referência podem ser úteis na avaliação dos TFs. Neste caso particular, tradutor e editor travaram uma batalha: enquanto o editor preferiu uma redação mais convencional, como *Bob musterte mich verstohlen/ heimlich/ flüchtig aus den Augenwinkeln* [ou seja, Bob examinou-me furtivamente/ secretamente/ fugazmente pelo canto dos olhos], o tradutor preferiu a versão que acabou sendo publicada, com o fundamento de que uma redação não convencional no TF deveria ser convertida em uma redação igualmente não convencional no TM. Parece que o recurso a um *corpus* de referência em inglês apoia a afirmação do tradutor de que a colocação em questão é de fato incomum. Usando o *corpus CobuildDirect*, um *corpus* de cerca de cinquenta milhões de palavras do inglês britânico e americano contemporâneo que pode ser acessado através da *web*, vemos que há uma associação significativa entre a palavra *look* e os modificadores *side-long*, *sidewise*, *cursorly*, *furtive*, *upward*, *backwards*, etc., mas que não há nenhum exemplo de *three-cornered* modificando *glance*. Da mesma forma, *three-cornered* é um atributo imputado a *contests*, *fights* e mesmo à palavra *hat*, criando um epônimo para o balé de Massine, mas não está, de modo algum associado a *glance*.

As pesquisas realizadas neste caso foram bastante informais, e uma investigação mais rigorosa dos *nódulos glance* e *three-cornered* é, sem dúvida, necessária. No entanto, é notável que um *corpus* de referência na língua do TF pode servir como pano de fundo para a avaliação das colocações no texto. Da mesma forma, um *corpus* de língua alemã contemporânea pode servir de parâmetro para medir a originalidade da solução do tradutor. Neste sentido é possível dizer que os *corpora* do *Institut*

¹⁴ (N.T.) “While the purpose and packaging (jacket, introduction) of the translation are “metaliterary” and pretend to promote “great” representativeness of Dutch literature, the actual target text is often adjusted or smoothed with a view to the audience’s reading habits” (Vanderauwera, 1985, p. 37).

¹⁵ Os críticos das abordagens linguísticas da tradução, no entanto, parecem aprovar apenas um tipo de análise linguística, a Gerativa Americana (ver, por exemplo, Gentzler, 1993), e excluir outras escolas como a tradição britânica (ver Stubbs, 1996, capítulo um).

¹⁶ Para uma discussão esclarecedora de como as colocações servem como veículo de transmissão cultural dentro de uma comunidade única, ver Stubbs (1996).

für deutsche Sprache em Mannheim podem ser acessados remotamente por pesquisadores, e que colocações significativas podem ser encontradas e investigadas no que tange à expressão *Dreiecksblick*, escolhida no exemplo¹⁷. Uma investigação superficial dos *nódulos Dreieck* (triângulo/ triangular) e *Blick* (relance) em um conjunto de *corpora* contendo cerca de vinte milhões de palavras mostra que sua justaposição em colocações compostas é tão inesperada quanto a coocorrência original de *three-cornered glance*. Este, então, é um caso em que a *normalização* não ocorreu na tradução, apesar da intervenção de um editor aderindo às normas da cultura meta.

4. Seleção de *nódulos* e o caso especial das *prosódias semânticas*

Até agora, tentei demonstrar como os *corpora* de referência no mesmo idioma podem ser usados para criar uma escala de originalidade/convencionalidade para as colocações em TFs e TMs. Existem técnicas estatísticas aceitas para medir a “convencionalidade” de uma colocação (ver, por exemplo, o trabalho de Church *et al.*, 1991). Uma questão que merece mais atenção, no entanto, é a seleção de *nódulos* para análise de colocações. Não temos a intenção de abordar esta questão em detalhes, basta dizer, contudo, que, ao contrário dos lexicógrafos, interessados principalmente em colocações recorrentes, os estudiosos da tradução que investigam a *normalização* no nível das *colocações* estão necessariamente interessados em combinações únicas ou idiossincráticas. Procuram, em primeira instância, por colocações improváveis. Outro ponto a se destacar é que é altamente desejável que a seleção de *nódulos* que apresentem tais combinatórias improváveis seja o mais automatizada possível. Embora pareça uma tarefa difícil, automatizar a seleção de *nódulos* de alguma forma garantiria o tratamento sistemático e exaustivo dos dados em um *corpus paralelo*.

Um método potencialmente interessante de seleção de *nódulos* baseia-se na ideia de **prosódias semânticas**. A prosódia semântica, de acordo com Louw (1993, p. 157), é uma “aura consistente de significado com a qual uma forma é imbuída por suas colocações”¹⁸. O verbo frasal aparentemente inócuo *set in* (começar), por exemplo, torna-se imbuído de uma aura negativa por causa de sua colocação habitual com palavras como *rot* (apodrecer), *decay* (decair) e *rigor mortis* (ver Sinclair 1991, pp. 74-75). Um escritor pode usar a prosódia semântica de uma palavra para alcançar um efeito irônico: se alguém fosse escrever que *happiness had set in* (a felicidade tinha começado), o choque entre a prosódia negativa do verbo *set in* e as associações normalmente positivas da palavra *happiness* (felicidade) pode forçar o leitor a mudar para outro modo de interpretação. Os desvios dos perfis esperados de prosódias semânticas são, portanto, um caso especial de colocação incomum e podem fornecer dados interessantes sobre os quais basear um estudo de *normalização* em TMs. Se demonstrar-se que tais colocações do TF são representadas no TM por trechos que não contenham tais combinatórias, isso poderia então dar ênfase à hipótese de que os tradutores tendem a substituir as colocações não convencionais do TF por colocações convencionais no TM. Mas as prosódias semânticas (ao contrário do que é tradicionalmente chamado de “conotações”) são “amplamente inacessíveis à intuição humana sobre a linguagem” e “não podem ser recuperadas de forma confiável

¹⁷ Lehr (1996, p. 84) defende que as colocações alemãs ad hoc devem ser divididas antes de serem feitas afirmações sobre as frequências de seus tipos (e presumivelmente de seus padrões) em textos.

¹⁸ (N.T.) “Consistent aura of meaning with which a form is imbued by its collocates” (Louw, 1993, p. 157).



por meio da introspecção”¹⁹ (Louw, 1993, p. 157). Para identificar essas combinatórias de colocação no TF, precisamos, portanto, acessar um grande *corpus* de referência de textos na LF, que fornece o arcabouço para interpretarmos a colocação do TF. Novamente, estudos comparativos de *corpora* monolíngues são indispensáveis.

5. Prosódias semânticas e higienização

Não precisamos necessariamente investigar os desvios dos padrões colocacionais esperados para que o conceito de prosódia semântica nos seja útil nos Estudos da Tradução. Há casos, por exemplo, em que o leitor de um TF e de sua tradução pode sentir que o TM é, de alguma forma, mais brando que o TF ou que pinta um quadro menos sombrio de uma situação. Muitas vezes é difícil, porém, dizer precisamente por que se tem essa sensação. Pode-se ser capaz de apontar elementos específicos no texto em que certas passagens foram atenuadas (ver comentários de van Doorslaer [1995, p. 249] sobre a tradução de um romance flamengo para o alemão), mas pode-se ficar com uma vaga suspeita de que há mais do que isso, de que existe uma atitude diferente espalhando-se pelas páginas do TM. Eu sugiro aqui que, ao estudar o vocabulário de um TF, especificamente as prosódias de certos itens lexicais no contexto de um *corpus* de referência da LF, seja possível descobrir *traços* de palavras usadas no TF que estão faltando no TM. Veja, por exemplo, a palavra *giro* no seguinte trecho da autobiografia de Gerry Conlon, *Proved Innocent*²⁰:

I was a mad gambler then and one day I picked up my uncle's Giro, cashed it and had it on a dog which got beat. Nothing was said, but he must have been terribly hurt knowing what I'd done (Conlon, 1991, p. 44).

[Eu era um jogador maluco na época e um dia peguei o *Giro* do meu tio, troquei por dinheiro e apostei tudo em um cachorro que levou uma surra na rinha. Nada foi dito, mas ele deve ter ficado extremamente magoado sabendo o que fiz].

Para falantes do inglês britânico, *giro* é uma palavra informal que se refere a um cheque de apoio ao desempregado, um tipo de Seguro Desemprego. Contudo, a palavra em si não é o fator mais importante, mas sim a indicação clara de que Conlon roubou, não apenas de um membro da própria família, mas de alguém que mal podia pagar pela perda. A denotação de *giro* é clara e, apesar da associação dos *giros* com desemprego, estado normalmente avaliado negativamente, a palavra não parece ter conotações intrinsecamente negativas. Se considerarmos as combinatórias lexicais que *giro* guarda, entretanto, podemos criar um bom argumento para dizer que ela possui prosódia semântica negativa. Considere as seguintes linhas de concordância retiradas do *CobuildDirect*²¹:

¹⁹ (N.T.) “Largely inaccessible to human intuition about language and cannot be retrieved reliably through introspection” (Louw, 1993, p. 157).

²⁰ Sou grata a Fionnuala Johnston, que chamou minha atenção sobre este exemplo e outros no mesmo texto.

²¹ Por uma questão de clareza, omitimos concordâncias para o sentido de *giro* referente à corrida de bicicletas, como em *Giro d'Italia*, que ocorreram quatro vezes nesta pesquisa.



In London, 1038133 Charity 263710. **Giro** 501 2252. I thought the bank **giro** system was supposed to make the use of the “personal-issue **giro**” the money order designed for working flat-out to supplement her **giro**, she was expected to do what more likely to come from a **Giro** than a wage packet. special DSS handout can wait until **Giro** day, and the meths are on me. travellers have been described as **giro** gypsies, scroungers and parasites, How defiant **giro** hippies milk system for cash chain running from ear to ear and **giro** money stuffed in his mouth

As três primeiras ocorrências de *giro* listadas aqui obviamente referem-se ao sistema de transferência de dinheiro operado por instituições financeiras. Os outros casos tratam mais especificamente dos cheques emitidos a desempregados. O que é interessante sobre as instâncias de sentido mais específico é o ambiente em que é feita menção a *giro*: mesmo com um número tão pequeno de linhas de concordância, é claro que a palavra *giro* é acompanhada por outras que têm conotações muito negativas (*gypsies*, *scroungers*, *handout*, *meths*, etc.). Podemos supor que *giro* tem prosódia semântica negativa porque está contaminado por seus colocados. Tudo isso torna a tradução deste trecho para o alemão ainda mais surpreendente:

Ich war damals ein besessener Spieler, und eines Tages klaute ich das Scheckheft meines Onkels, schrieb einen dicken Scheck aus, löste ihn ein und setzte das Geld auf einen Hund, der verlor. Mein Onkel muß schrecklich betroffen und enttäuscht gewesen sein, também sich herausstellte, era ich getan hatte (Conlon, 1994, p. 68, traduzido por CG Lecaux e J. Honnef).

[Eu era um jogador maluco na época e um dia **roubei o talão de cheques do meu tio, escrevi um valor bem alto**, resgatei e apostei o dinheiro em um cachorro que perdeu. Meu tio deve ter ficado terrivelmente afetado e magoado quando o que eu fiz foi descoberto].

A tradução alemã pode ser criticada em várias frentes: os tradutores parecem não ter entendido a denotação do inglês para a palavra *giro*, e interpretaram-na como significando talão de cheques. Então fabricaram a ideia da escrita de um cheque com valor bem alto, a fim de introduzir no discurso o conceito de algum dinheiro que possa ser sacado. Mas outra crítica poderia ser a de que o TM pinta um quadro de uma realidade social que é muito mais confortável que a do TF. O tio de Conlon é beneficiário da previdência social no texto em inglês, em alemão, no entanto, é um provedor de fundos. A menção à palavra *giro* no TF significa que a família de Conlon é estigmatizada da mesma forma que outros membros da sociedade que dependem de Políticas Públicas governamentais, mas não há tal estigmatização no TM: sem surpresa, as linhas de concordância para as palavras *Scheck* (cheque) e *Scheckheft* (talão de cheques) extraídas de um *corpus* de referência em alemão (o LIMAS-Korpus em Mannheim) referem-se, em grande parte, a transações financeiras e têm um tom neutro.

O exemplo de *giro* talvez seja um pouco óbvio, mas ilustra o ponto em que palavras do TF com prosódias semânticas negativas que são, na melhor das hipóteses, vagamente perceptíveis aos leitores, podem ser substituídas no TM por um vocabulário mais neutro. E embora possa ser difícil para um leitor do TF e do TM apontar exatamente onde essas mudanças sutis são realizadas, o



efeito geral pode ser que os TMs se tornem versões *higienizadas* dos TFs. Seguir essa linha de argumentação significaria investigar as prosódias semânticas de tantos itens de vocabulário quanto possível em vários TFs e em suas traduções, precisamente o tipo de pesquisa que pode ser realizada quando se tem acesso a um *corpus paralelo* e a *corpora* de referência para as LFs e as LMs.

6. E agora, para onde vamos?

As ideias discutidas aqui ainda estão em forma embrionária - não há sugestão de que os exemplos citados sejam representativos da tradução do inglês para o alemão. Há uma necessidade óbvia, portanto, de mais pesquisas empíricas usando *corpora paralelos* e *comparáveis* monolíngues. Um projeto que está tentando compensar parte do déficit na pesquisa empírica em tradução está sediado na *Dublin City University* e na *University of Manchester Institute of Science and Technology (UMIST)*, em Manchester. Sob a supervisão de Mona Baker, um *corpus paralelo* de aproximadamente um milhão de palavras da ficção literária alemã e sua tradução para o inglês está sendo compilado²². O objetivo é extrair colocações incomuns ou idiossincráticas nos originais alemães e avaliar a criatividade de suas interpretações em inglês. O projeto conta com recursos substanciais do *Mannheimer Korpora* e do *British National Corpus* para dados sobre os padrões de colocação típicos em alemão e em inglês britânico. Uma vez que o *corpus paralelo* alemão/ inglês seja concluído, outros projetos de pesquisa que façam uso de tal recurso poderão ser considerados. Um desses projetos já foi sugerido acima: uma exploração do que acontece na tradução de itens de vocabulário com prosódias semânticas negativas (ou positivas, ou mesmo neutras). Outro estudo óbvio envolveria o uso do *corpus paralelo* para observar se os tradutores tentaram, por exemplo, compensar a perda de criatividade em colocações nos TMs (ver Harvey, 1995). Como foi demonstrado repetidas vezes pela Linguística de Corpus, um novo recurso pode dar ímpeto a novas pesquisas. O desafio é saber que perguntas fazer a um *corpus* orientado para a tradução e como fazê-las.

Referências

- Abreu, I. (2007). *Normalização lexical em traduções de Dom Casmurro, de Machado de Assis: um estudo baseado em corpus*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina, <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89771>
- Aijmer, K., Altenberg, B., & Johansson, M. (Eds.). (1996). *Languages in Contrast: Papers from a Symposium on Text-based Cross-linguistic Studies*. Lund University Press.
- Baker, M. (1995). Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research. *Target*, 7(2), 223–243. <https://doi.org/10.1075/target.7.2.03bak>

²² (N.T.) Para mais informações sobre este e outros corpora compilados pela profa. Mona Baker, acesse: <https://www.alc.manchester.ac.uk/translation-and-intercultural-studies/research/projects/translational-english-corpus-tec/>



- Baker, M. (1997). Corpus-based Translation Studies: the Challenges that Lie Ahead. In H. Somers (Ed.), *Terminology, LSP and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager* (pp. 175–186). John Benjamins.
- Church, K., et al. (1991). Using Statistics in Lexical Analysis. In U. Zernik (Ed.), *Lexical Acquisition: Exploiting On-Line Resources to Build a Lexicon* (pp. 115–164). Lawrence Erlbaum Associates.
- Conlon, G. (1991). *Proved Innocent*. Penguin Books.
- Conlon, G. (1994). *Im Namen des Vaters*. (C. G. Lecaux & J. Honnef, Trad.). Bastei.
- Firth, J. R. (1957). *Modes of Meaning, Papers in Linguistics 1934-1951*. Oxford University Press.
- Gentzler, E. (1993). *Contemporary Translation Theories*. Routledge.
- Glaister, L. (1992). *Digging to Australia*. Secker and Warburg.
- Glaister, L. (1995). *Buddeln bis Australien* (H.-C. Oeser, Trad.). Diogenes.
- Hanks, P. (1996). Contextual Dependency and Lexical Sets. *International Journal of Corpus Linguistics*, 1(1), 75–98. <https://doi.org/10.1075/ijcl.1.1.06han>
- Harvey, K. (1995). A Descriptive Framework for Compensation. *The Translator*, 1(1), 65–86. <https://doi.org/10.1075/target.10.2.04har>
- Laviosa-Braithwaite, S. (1996). Comparable Corpora: Towards a Corpus Linguistic Methodology for the Empirical Study of Translation. In M. Thelen & B. Lewandowska-Tomaszczyk (Eds.), *Translation and Meaning, Part 3* (pp. 153–163). Universitaire Pers Maastricht.
- Lehr, A. (1996). *Kollokationen und maschinenlesbare Korpora: Ein operationales Analysemodell zum Aufbau lexikalischer Netze*. Niemeyer.
- Louw, B. (1993). Irony in the Text or Insincerity in the Writer? The Diagnostic Potential of Semantic Prosodies. In M. Baker, G. Francis & E. Tognini-Bonelli (Eds.), *Text and Technology: In Honour of John Sinclair* (pp. 157–176). John Benjamins.
- Malmkjaer, K. (1998). Love thy Neighbour: Will Parallel Corpora Endear Linguists to Translators? *Meta*, 43(4), 534–541. <https://doi.org/10.7202/003545ar>
- Rectanus, M. W. (1990). *German Literature in the United States: Licensing Translations in the International Marketplace*. Otto Harrassowitz.
- Sinclair, J. (1987). Collocation: a Progress Report. In R. Steele & S. Treadgold (Eds.), *Language Topics: Essays in Honour of Michael Halliday* (pp. 319–331). John Benjamins.
- Sinclair, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford University Press.
- Stubbs, M. (1996). *Text and Corpus Analysis*. Blackwell.
- Toury, G. (1980). *In Search of a Theory of Translation*. The Porter Institute for Poetics and Semiotics.
- Vanderauwera, R. (1985). *Dutch Novels Translated into English: The Transformation of a “Minority” Literature*. Rodopi.
- Van Doorslaer, L. (1995). Quantitative and Qualitative Aspects of Corpus Selection in Translation Studies. *Target*, 7(2), 245–260. <https://doi.org/10.1075/target.7.2.04van>

Notas

Direito de primeira publicação

O artigo aqui traduzido foi publicado inicialmente na revista *Meta*, vol. 43, n. 4, em 1998, sob o título “Creatures of habit? What translators usually do with words”.



Referência do texto-fonte

Kenny, D. (1998). Creatures of habit? What translators usually do with words. *Meta* 43(4), 515–523. <https://doi.org/10.7202/003302ar>

Autorização de tradução

A presente tradução foi autorizada pela Presses de l'Université de Montréal (PUM), na pessoa de Sandra Soucy, e pela autora, Dorothy Kenny, por meio de e-mails enviados em 14 de junho de 2020 e reconfirmados em 13 de junho de 2023. Agradecemos imensamente a oportunidade.

Conjunto de dados de pesquisa

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os autores e tradutores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de publicação da tradução em língua portuguesa, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os tradutores, em consenso com os autores, têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria da tradução e publicação em língua portuguesa nesta revista.

Publisher

Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e tradutores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores de seção

Andréia Guerini – Willian Moura

Revisão de normas técnicas

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

Histórico

Recebido em: 15-08-2023

Aprovado em: 28-10-2023

Revisado em: 24-04-2024

Publicado em: 04-2024

